

Gênese do A2/AD Chinês: Guerras Locais e Lições do Exército de Libertação Popular

Autor: Priscila Gonçalves Schelp (Graduanda de Relações Internacionais/Bolsista de Iniciação Científica)

Orientador: José Miguel Quedi Martins (UFRGS)



pro.pesq
Pró-Reitoria de Pesquisa - UFRGS

OBJETIVOS

Tendo em vista a relevância daquilo que os estadunidenses caracterizam como capacidades de negação de área e anti-acesso (A2/AD, pelo acrônimo inglês), nos recursos defensivos da China, esta pesquisa se propõe a estudar sua gênese. Assim, a principal pergunta da pesquisa é: “qual a origem das capacidades A2/AD chinesas?”. Para elucidar esta questão, lança-se mão de questões auxiliares: (a) como os chineses caracterizam, para si mesmos, o que os americanos denominam A2/AD? (b) Qual (is) elemento(s) da experiência real de guerra chinesa os inspiraram? (c) Qual(is) da(s) experiência(s) de guerra de outros povos foram levados em consideração?

HIPÓTESES

A hipótese geral é de que, a partir de sua própria concepção da guerra, baseada principalmente nas reformas de Deng Xiaoping ao final da década de 70, a China observou atentamente as guerras de outros povos durante o século XX. Absorveu lições e modelou seu perfil de forças para conter as ameaças identificadas pelas suas lideranças políticas e militares. Mais especificamente, a China teria desenvolvido capacidades A2/AD tanto a partir de suas características geoestratégicas, quanto dos ensinamentos das guerras de outros países. Contribuem para este exercício a Crise dos Estreito de 1995-1996, ao expor as vulnerabilidades chinesas; a Guerra das Malvinas, a qual evidenciou a importância das capacidades antinavio; e as Guerras do Golfo, que apontaram a importância do supercomputador embarcado e da munição guiada de precisão.

Anti-acesso (A2): ações de longa distância visando impedir as forças inimigas de entrarem no campo operacional. Tem como alvo principal forças que se aproximam pelo ar ou pelo mar predominantemente.

Negação de área (AD): ações de curta distância que visam limitar as capacidades das forças inimigas no teatro operacional. Atua em todos domínios.

LIÇÕES DO EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO POPULAR:

A Crise do Estreito de Taiwan de 1995-1996 foi o resultado de uma série de testes com mísseis realizados pela República Popular da China em águas circundantes de Taiwan, sob o propósito de intimidar os aparentes esforços pró-independência do presidente Lee Teng-Hui, da República da China. Em resposta, os Estados Unidos enviaram uma frota militar para a região, considerada a maior desde a Guerra do Vietnã. A vultosa demonstração de força estadunidense deixou patente a incapacidade da China de defender os interesses por meios convencionais e a obrigou a reconhecer a obsolescência do seu arsenal frente a intervenções externas. Esse episódio apontou a necessidade de desenvolver capacidades que futuramente dificultassem o pronto deslocamento de forças extrarregionais ao entorno estratégico chinês. Pode ser considerado expoente desse esforço de modernização o míssil balístico antinavio DF-21D, "matador de porta-aviões", bem como o desenvolvimento das classes Song e Yuan de submarinos convencionais de ataque.

A importância da Guerra das Malvinas recai sobre a analogia traçada com um possível conflito envolvendo Taiwan, prioridade estratégica da China. A experiência de combate de caráter assimétrico destaca o protagonismo da aviação antinavio e dos mísseis cruzadores antinavio, como verificado no ataque argentino ao avançado destróier britânico, HMS Sheffield, e à embarcação Atlantic Conveyor, sinalizando a interdição das linhas marítimas de comunicação.

Das operações Desert Shield e Desert Storm, de 1991, e Iraqi Freedom, de 2003, por sua vez, puderam ser extraídas reflexões acerca da condução do combate em guerras locais fazendo uso de tecnologia militar avançada. O êxito dos Estados Unidos na Primeira Guerra do Golfo está diretamente relacionado ao emprego da digitalização, a partir do computador embarcado e da rede. A informação passa a ter papel central no campo de batalha, sendo coordenada por Sistemas Aéreos de Alerta e Controle (AWACS). A radical mudança na natureza da guerra é compreendida pelos estrategistas militares chineses e enfatizada no Livro Branco de Defesa de 2004, a partir da referência às “guerras locais sob condições de alta-tecnologia”.

CONCLUSÕES PRELIMINARES: A delimitação do escopo do estudo é motivada pela relativa carência de pesquisa intensiva do tema na academia, haja vista seu caráter recente. Considera-se ainda a possibilidade de aprofundamento da análise em trabalhos posteriores, com a inclusão de novas etapas de investigação compreendendo a evolução da doutrina militar chinesa.



Terceira Crise do Estreito de Taiwan (1996)



Guerra das Malvinas (1982)



Guerras do Golfo (1991 e 2003)

REFERÊNCIAS

SCOBELL, Andrew; LAI, David; KAMPHAUSEN, Roy. Chinese Lessons from Other People's Wars. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2011. 338 p. Disponível em: <<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdf/files/PUB1090.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015

DING, Arthur S.. The Lessons of the 1995-1996 Military Taiwan Strait Crisis: developing a new strategy toward the United States and Taiwan. In: BURKITT, Laurie; SCOBELL, Andrew; WORTZEL, Larry M.. The Lessons of History: The Chinese People's Liberation Army at 75. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2003. p. 379-402.

HEGINBOTHAM, Eric et al. The U.S.-China Military Scorecard: forces, geography and the evolving balance of power 1996-2017. Santa Monica, Calif: Rand Corporation, 2015.

Contato: priscila.schelp@ufrgs.br

Trabalho Exposto no XXVII Salão de Iniciação Científica da UFRGS
Porto Alegre, 19 a 23 de Outubro de 2015